

## PENSAR

O QUE É SÓLIDO  
(E O QUE NÃO PODE SE  
DESMANCHAR NO AR)

Sucessão de feiras e festivais movimentam BH no segundo semestre e consolida o contato direto com o leitor como fator crucial na estratégia de editoras mineiras e de seus autores. Mas, o que é preciso fazer para preservar o entusiasmo e tornar a cena literária menos dependente do poder público?

FLÁVIA DENISE DE MAGALHÃES

ESPECIAL PARA O ESTADO DE MINAS

Acostumados a ler e a escutar a máxima da vez de que “o mercado editorial está em crise”, os apaixonados por livros podem ter se surpreendido com a rápida sucessão de eventos de grande porte dedicados às letras realizados nos últimos meses na capital mineira. A programação de feiras, festas e festivais literários começou com a Primavera Literária (15 a 18/8) e teve sequência com o Festival Livro na Rua (23 a 25/8), o Salão do Livro Infantil e Juvenil (3 a 8/9) e o Festival Literário Internacional de Belo Horizonte (FLI-BH, que começou na quarta-feira e segue até domingo, dia 29).

A profusão de celebrações do livro e de sua materialidade pode fazer parecer que a cidade, orgulhosa de sua tradição literária, esteja encenando um apego a um passado que já não condiz com a realidade (principalmente em meio a notícias sobre a recuperação judicial de grandes redes de livrarias e o advento do livro digital, com suas profecias de morte iminente para o impresso).

Tenho certeza, no entanto, de que o cenário esboçado é outro. Quem se fez presente nos eventos listados percebeu que não eram mera homenagem a um momento distante. Pelo contrário: mesas de discussão ultrapassaram a lotação máxima, bancas de editoras estiveram cercadas de curiosos (e leitores em potencial). Há um fluxo intenso de gente entusiasmada com os livros e tudo que os cerca.

Além desses grandes eventos, o cenário atual inclui dezenas de encontros de pequeno e médio portes. Resultam de um movimento de décadas, que ganhou força a partir de 2010. A renovação literária e editorial é essencial para as editoras locais, muitas vezes chamadas de “independentes”. Para elas, a distribuição em grandes livrarias nunca foi uma solução completa. Mesmo antes da crise, estas casas se organizavam e buscavam outras formas de alcançar o leitor.

O que muda agora, com o imbróglcio financeiro das grandes livrarias, é que o contato direto com o leitor tornou-se a principal estratégia de venda. Multiplicam-se o número de feiras, encontros e eventos com autores e com casas editoriais locais. Lançamentos transformam-se em festas. Assim, as equipes mínimas de casas editoriais tradicionais e recém-criadas são mantidas.

Também estão por trás do bom momento os cursos de graduação e pós-graduação com ênfase na edição que foram abertos no Cefet-MG e na UFMG há mais de 10 anos. Nesses ambientes, são formados autores, editores e leitores sensíveis às particularidades do ofício. Além disso, contribuem à cena discussões como as promovidas pelo seminário Cartografias da Edição Independente, que ocorreu no Cefet-MG no início da semana e reuniu pesquisadores do Brasil e do Uruguai.



Espaço para editoras no Festival Literário Internacional de Belo Horizonte (FLI-BH), até domingo, no Parque Municipal: maratona de eventos prossegue em outubro

### Homenagem a Adão Ventura no FLI-BH

O Festival Literário Internacional de Belo Horizonte (FLI-BH) mira a palavra viva, abrindo espaço para quem diz poema aos moldes dos saraus e slams (batalhas de versos). Para fazer jus à curadoria do livro à voz: narrativas vivas, proposta pela poeta Nívea Sabino e a ilustradora Marilda Castanha, ganha centralidade a palavra escrita e, sobretudo e de maneira inovadora, a falada. Os poemas de Adão Ventura (1939-2004) – homenageado desta edição – foram ditos de diversas formas na noite da abertura do festival, na quarta (25). O poeta Ricardo Aleixo levou o público ao universo poético de Adão: as palavras de A cor da pele (edição do autor, 1980) foram vocalizadas e ressonadas em sons que partiram da boca e de todo o corpo de Aleixo. A solenidade foi realizada na noite de quarta-feira no Teatro Francisco Nunes, no Parque Municipal Renné Giannetti, que recebe, até 29 de setembro, parte da programação do festival e ainda as editoras que participam do evento. Adão foi evocado em carta lida pela atriz Júlia Elias, que se remete a ele como a um parente, tendo como fio condutor da conversa imaginária a “negrura”, jeito de estar no mundo presente na obra do poeta, nascido em Santo Antônio do Itambé em 5 de julho de 1939, e na vida da jovem atriz criadora do coletivo Preta Poeta. Um momento bastante emocionante foi o poema dito por Nívea Sabino, que fez referência à tradição de distribuir balas no Dia de Cosme e Damião para trazer ao debate o episódio trágico da morte da menina Ágatha Félix, no Rio de Janeiro. Na forma e no conteúdo, a FLI-BH promete tornar a palavra a forma de expressão da diversidade de corpos, histórias e jeitos de estar no mundo. O festival concede menção honrosa aos escritores Leda Maria Martins e Ailton Krenak, que têm a oralidade como parte importante de seus caminhos literários. (Márcia Maria Cruz)

### DELICADO EQUILÍBRIO

Vivemos um momento de efervescência literária e editorial, que gira em torno da produção local e ganha força a cada ano. No entanto, como toda cena

em ebulição, a da edição independente ainda é frágil. Para se consolidar de vez, precisa de mais apoio e menos dependência do poder público. Isso fica evidente com a concentração, no início do segundo semestre, dos grandes eventos literários de BH.

As datas sequenciais não são coinci-

dência, mas consequência da liberação simultânea dos raros investimentos de grande porte que os organizadores desses eventos podem contar. A Primavera Literária e o Festival Livro na Rua são realizados com recursos da Lei Municipal de Incentivo à Cultura, que liberou, no apagar das luzes de 2018 e nos primeiros meses de 2019, as primeiras verbas desde o edital de 2015. Já o Salão do Livro Infantil e Juvenil é realizado com recursos do governo federal, que lançou, em meados de 2018, o primeiro edital para a realização de eventos literários desde 2015. Mais uma vez, a distorção é resultado da política cultural e da burocracia brasileiras. Precisamos de soluções melhores e mais estáveis do que a liberação de recursos por meio de editais – que são bem-vindos, é claro, mas não podem ser o único pilar de sustentação desse cenário.

Para quem ficou curioso em conhecer esse mundo, é bom lembrar que a maratona não termina com o FLI-BH neste fim de semana. Ainda teremos a primeira edição da Curupira: Feira de publicações e artes infantojuvenis (5/10), a 11ª Textura: Pequena feira de impressões e literatura (novembro), e a Urukum: feira de livros, impressos & artes visuais (dezembro).

Além disso, alguns dos organizados

res mais presentes na organização de feiras no começo da fase atual voltaram a se reunir para lançar a Feira Canastra (12 e 13/10). Também teremos, em 2020, o retorno da Faisca – Mercado Gráfico, que fez história na cidade com sua proposta periódica (foram 23 edições entre 2015 e 2017). Vale ressaltar que as duas últimas também são realizadas com recursos da Lei Municipal de Incentivo à Cultura.

A história das feiras, festas e festivais literários está só começando. Num país em que as notícias são de falências e desistências, esses eventos mostram persistência e constância. Fazem do livro impresso um símbolo de resistência. O cenário, por enquanto, é tão bonito quanto frágil.



Flávia Denise de Magalhães é jornalista, especializada em publishing pela Universidade de Nova York (NYU), mestre em estudos de linguagens pelo Cefet-MG e doutoranda em estudos literários pela UFMG. É também pesquisadora de feiras de publicações, processos editoriais e autopublicação e idealizadora da revista *Chama*, que publica semanalmente o roteiro literário de Belo Horizonte. É uma das organizadoras do seminário Cartografias da Edição Independente.